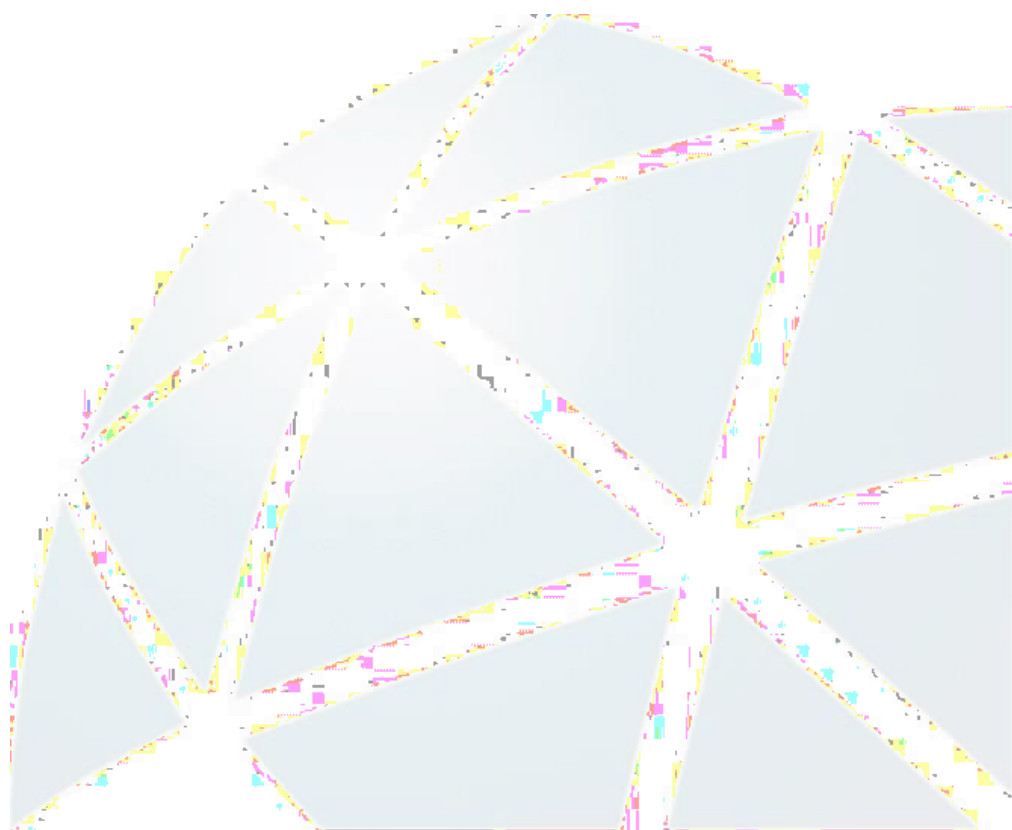

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

JÚLIA MARCELLY PRATES

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM E SUA INTERFACE COM SITUAÇÕES DE
VIOLÊNCIA**



RIO CLARO

2019

JÚLIA MARCELLY PRATES

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUA INTERFACE
COM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA**

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Débora Cristina Fonseca

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de bacharela e licenciada em Ciências Biológicas

Rio Claro

2019

P912d Prates, Júlia Marcelly
DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUA INTERFACE
COM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA / Júlia Marcelly Prates. --
Rio Claro, 2019
35p
Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e licenciatura -
Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências, Rio Claro
Orientadora: Débora Cristina Fonseca
1. Educação. 2. Aprendizagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

AGRADECIMENTOS

“É necessário sempre acreditar que um sonho é possível, que o céu é o limite e você truta é imbatível, que o tempo ruim vai passar é só uma fase e o sofrimento alimenta mais a sua coragem.

Que sua família precisa de você, lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder”.

Essa música do Racionais MC's se chama a vida é um desafio, o que é uma verdade inegável, ela esteve presente em outros momentos da minha vida antes da faculdade, mas foi aqui onde ela se tornou mais representativa e significativa. O caminho da faculdade é difícil, totalmente injusto e de não acesso para muitos, mas quando consegue entrar você é cobrado a todo momento, sua saúde mental se perde por esse caminho, mas no final, pelo menos pra mim, acabou, passei pela linha chegada e me construí lindamente por todo ele. E por falar nessa mocinha que escreveu este projeto, vou começar a agradecer as pessoas que tornaram esse caminho mais tolerável e possível, começando pela minha família, queria dizer que eu consegui e esse diploma é pra vocês, a primeira dos filhos a concluir o tão SONHADO ENSINO SUPERIOR, mas podem ficar tranquilos que eu não sou melhor que ninguém por causa disso. Quero agradecer também aos AMIG@S COLORIDOS, A TURMA DOS OTÁRIOS, A BAH, MARI, AGORFO, SAMULI E ERISHOW (*Homo sp.*) a vida foi uma loucura e as descobertas foram incríveis com vocês ao meu lado. Á Professora Débora, quero somente agradecer pela paciência, pela orientação e pelas conversas. Antes de terminar também gostaria de agradecer a Giovanna Regina, que me emprestou o computador que me ajudou em muitas madrugadas á fora.

E por último, mas não menos importante, ao grande amor da minha vida, BATERIA PORCARIA, acho que a maioria dos encontros dessa vida foram proporcionados por você através do samba.

“Então antes de me despedir, peço ao sambista mais novo, o meu pedido final. Não deixe o samba morrer, não deixe o samba acabar o morro foi feito de samba, de samba pra gente sambar.”

HOJE E SEMPRE GUARANI

SIGLAS

APM - Associação de Pais e Mestres

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

HTPC - Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INEP - Instituto Nacional de Ensino e Pesquisa

TCLE - Termo de Consentimento Livre Esclarecido

RESUMO

Com a observação de um aumento expressivo no número de crianças e adolescentes que abandonam os estudos, esse projeto procurou investigar se na percepção dos professores quais situações levaram esses alunos a saírem da escola, tentando entender se a violência pode ser a causa ou consequência de dificuldades de aprendizagem e evasão. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que utilizou como método de coleta de dados um questionário, aplicado com quatorze professores de uma unidade escolar rede pública estadual da cidade de Rio Claro. A análise dos dados seguiu a proposta de análise de conteúdo. Através da análise de dados, que incluíram gráficos das respostas que julgamos mais relevantes para compreender e chegarmos ao nosso objetivo. Concluimos que na visão dos professores existe uma relação positiva entre a dificuldade de aprendizagem e situações de violência, o contrário também se faz verdade, onde na visão desses profissionais o fator determinante para isso é a família, mostrando essa conexão entre os assuntos e a formação do sujeito.

Palavras – chave: evasão escolar. dificuldades de aprendizagem. violência.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. OBJETIVO	11
3. METODOLOGIA	12
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
6. REFERÊNCIAS	25
7. ANEXOS	29
7.1. ANEXO 1	29
8. APÊNDICES	30
8.1. APÊNDICE A - Questionário – Professor	30
8.2. APÊNDICE B - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido	31

1. INTRODUÇÃO

Um dos problemas mais sérios que tem ocorrido na sociedade atual é a evasão escolar, ou seja, cada vez mais os alunos estão abandonando as salas de aula por diversos fatores como violência, necessidade de ingressar no mercado de trabalho, dificuldade aprendizagem, mudança de endereço ou a falta de estímulo nas atividades escolares. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e divulgados em uma pesquisa do Instituto Unibanco “1,3 milhão de jovens entre 15 e 17 anos deixaram a escola sem concluir os estudos, dos quais 52% não concluíram sequer o ensino fundamental” (TOKARNIA, 2016, p.1), um dado preocupante, mesmo que a porcentagem de alunos que concluíram o ensino médio até os 17 anos tenha aumentado para 19%, no ano de 2014. No geral, de acordo com os dados do Censo Escolar publicados pelo Ministério da Educação e Cultura (BRASIL, 2014), a taxa de abandono escolar diminuiu consideravelmente no período de 2000 – 2010, registrando “uma diminuição de 74,2% na taxa de abandono do ensino fundamental, enquanto no ensino médio essa mesma taxa diminuiu 43,1%”, porém essa diminuição no número de abandono, infelizmente não se reflete no número de reprovações, que aumentou no Ensino Médio e não diminuiu no Ensino Fundamental, ou seja, as pessoas não estão abandonando o ambiente escolar, mas também não estão se saindo bem.

A pesquisa de Osti e Brenelli (2013) mostra que 19% dos alunos matriculados na rede municipal de ensino do Estado de São Paulo em 2004, são encaminhados para o reforço escolar, número esse que em 2010 subiu para 26% e no ano seguinte para 31%. Em 2006, o Brasil tornou-se campeão mundial de dificuldades de aprendizagem onde milhares de crianças chegavam no final do primeiro ciclo do ensino fundamental com dificuldades nos conteúdos escolares, refletindo um sistema educativo “doente” (MARTINELLI; SISTO, 2006)

A evasão escolar tem sido a consequência principal da falta de interesse do Estado em investir nas escolas públicas, que colocam a culpa no aluno pelo seu fracasso e não no sistema escolar neoliberal que existe hoje, onde estudantes são rotulados com doenças relacionadas à dificuldade de atenção para o lucro da indústria farmacêutica, que produz cada vez mais medicamentos para darmos para as nossas crianças como Ritalina e Piracetam, remédios controlados e com efeitos colaterais reais, como depressão, perda de apetite e mudanças de humor (MOYSES; COLLARES, 1992), o que afeta a qualidade de vida dos estudantes, ou seja, interferindo na sua percepção de sentimentos e comportamentos individuais que estão diretamente relacionados ao funcionamento da vida diária, como por exemplo o desempenho escolar, acarretando uma sensação de incapacidade e consequentemente uma exclusão social por causa do seu mau desempenho (REZENDE; LEMOS; MEDEIROS, 2017).

E a consequência da evasão escolar recai tanto na economia, já que a verba repassada pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da

Educação (FUNDEB) para as escolas é proporcional ao número de alunos matriculados que frequentam as salas de aula, quanto no funcionamento da sociedade ao seu redor, já que o tempo ocioso tem caracterizado o momento em que adolescentes têm um agravamento na conduta conflituosa (PATTERSON, 2002), ou seja, com mais tempo livre a violência no cotidiano dos adolescentes aumenta e nesse trabalho buscamos analisar qual é a relação entre a violência na sociedade em geral e a dificuldade de aprendizagem, que consequentemente pode levar a evasão.

Para iniciarmos as discussões sobre o assunto e analisarmos as situações em que a violência tanto escolar quanto familiar dificulta a aprendizagem do sujeito, devemos lembrar que todo indivíduo é único com influências e reações a essas influências únicas, e como Sawaia (2009) aponta, não se pode analisar somente determinações sociais do sujeito, pois outros fatores além de onde o sujeito reside pode influenciar para um mau desempenho escolar, que pode ser entendido como rendimento abaixo do esperado para a idade cronológica, habilidades cognitivas e nível educacional de uma criança (SIQUEIRA;GURGE-GIANNETTI, 2011).

Antes de discutirmos sobre violência familiar ou escolar precisamos conceituar violência, tendo em vista seu caráter multifacetado e polissêmico, porém não podemos esquecer que é impossível não analisar a influência da sociedade que estamos inseridos, quando falamos de violência (KOHATSU; DIAS, 2009), justamente por existir locais que recebem tratamento puramente bélico, sem respeito algum (ALVES, 2012), geralmente são as populações excluídas nas favelas que recebem esse tipo de tratamento, pois são identificadas como principal foco do tráfico de drogas e difusoras da violência (RIBEIRO; DIAS; CARVALHO, 2008). Portanto levar em consideração os diversos fatores que se conectam a esse fenômeno social, como condições concretas de vida, os valores, preconceitos e a questão política e ideológica, se faz necessário para entendê-lo melhor (SILVA; SALLES, 2010).

Definir violência é algo complicado porque ela depende de vários aspectos como culturais, históricos e individuais, além de se expressar de múltiplas formas e ser compreendida de maneiras diversas (ABRAMOVAY, 2005), e não haver consenso na definição de violência ilustra muito bem essa dificuldade, já que para Zaluar (1994) é ausência de compaixão, e para Brant (1989) e Caldeira (1991) é a negação da dignidade humana, já para Tavares dos Santos (1998) é o excesso de poder e para Michaud (2001) é uma ação direta ou indireta que afeta a integridade física, psicológica ou moral de uma pessoa ou grupo, Andrade (2007) afirma que violência é toda forma investida que cause sofrimento, constrangimento, dor ou sensações desagradáveis. Já para Silva e Salles (2010) é conceituada como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém. Velho (2000) acrescenta ainda que a violência não se limita ao uso da força, também se encaixa quando existe apenas a possibilidade de usá-la para imposição de vontades, desejos e projetos sobre o outro, crianças que sofrem violência doméstica, ou seja, sofre situações violentas dentro do seu contexto

familiar possuem grande dificuldades relativas ao controle sobre impulsos, reforçando a citação acima sobre sempre querer as coisas do seu jeito, não importando como se consiga isso, dificultando a socialização do sujeito (MILANI; LOUREIRO, 2009).

Além de ser um termo muito complexo para ter uma definição consensual, a violência também pode ser classificada de diversos tipos como simbólica (moral), “que tem como praticante principal o Estado para a “Domesticação dos dominados” (BORDIEU, 1989, p.11) ou físicas, com agressões propriamente ditas, “que tem estado cada vez mais presente no espaço escolar gerando dificuldades para que se produzam o efeito esperado da violência simbólica” (ZALUAR; LEAL, 2011, p.151), que é a socialização respeitando os limites impostos pela sociedade/Estado, alguns estudos mostram que esse número de agressões varia de acordo com o estado, podendo ser um interferência cultural, por exemplo, no Distrito Federal esse é número é maior enquanto que no Rio de Janeiro esse número já diminui (SILVA; SALLES, 2010).

Também podem ser classificadas em violência escolar, que é quando a violência ocorre entre a comunidade escolar ou não, dentro da escola (CHARLOT, 2002), violência da escola, que se encaixa também na violência simbólica, que é quando a violência está sendo praticada pela escola e os alunos são as vítimas (CHARLOT, 2002) nessa categoria podemos exemplificar quando uma gestão escolar funciona de forma centralizada, burocrática e autoritária, com a visão do alunos como potenciais criminosos (LIRA; GOMES, 2017) ou violência à escola, que é a violência ocorre contra a instituição escolar (CHARLOT, 2002), Fante (2005) classifica esse tipo de violência como indireta, ou seja, contra bens e posses, que diminuem de nível quando se tem participação dos pais e alunos nas atividades e decisões escolares (TAVARES; PIETROBOM, 2016). Levando em consideração apenas a violência escolar devemos dizer que classificá-la é um processo muito complexo, já que algumas violências como constrangimentos, pequenas agressões físicas e brincadeiras de mau gosto são tão rotineiras que acabam sendo banalizadas e não sendo tratadas com a devida importância pela gestão escolar, sendo percebida apenas quando a mesma chega a vias de fato (NEGRÃO; GUIMARÃES, 2006). Quando falamos sobre gestão escolar devemos lembrar que a mesma tem um impacto direto em como os alunos irão se relacionar com a escola e com os seus pares, outro ponto também importante é a violência escolar como uma forma de resistência aos mecanismos disciplinares adotados pela escola que buscam uma homogeneização e objetificação do sujeito aluno. Enquanto que para Candau (2011) a violência escolar está associada a deslegitimação da escola, e ao fato de que o acesso maciço ao ensino modifica o valor simbólico e material dos diplomas, não se tornando mais interessante à medida que o mercado de trabalho não dá o devido valor prometido ao mesmo (BOURDIEU, 1999).

Desta forma, neste trabalho será adotado como entendimento de violência sempre que o outro for desconsiderado como sujeito e, em função disto, tratado como objeto, inviabilizando, em última análise, a interação social, fosse ela de natureza consensual ou conflituosa (PORTO, 2006).

Partindo deste entendimento do que é violência e que a mesma é um fenômeno predominantemente urbano, presente em locais em que a violência extraescolar se reflete na dinâmica entre os pares no ambiente intraescolar (TARDELLI; PAULA, 2009), devemos analisar o que se compreende por dificuldade de aprendizagem. Como já citado anteriormente, a dificuldade de aprendizagem parece se constituir em um dos fatores que contribui para o aumento da evasão escolar, já que na jornada escolar é quando os indivíduos começam a buscar seu reconhecimento social, onde o desempenho acadêmico, ajustamento ao ambiente e capacidade de estabelecer relações sociais são indicadores de recursos de adaptação (JACOB; LOUREIRO, 1996), que permitem que os alunos assumam novas responsabilidades na vida (CHAPMAN, 1988).

A definição de dificuldade de aprendizagem que é aceita por alguns autores, mas que também não tem um consenso pela complexidade que o tema envolve, e entendida por um grupo de pesquisadores do campo da psicologia como transtorno que ocorre na aprendizagem escolar, podendo se manifestar na aquisição da leitura, escrita ou aritmética (DIAS; ENUMO; JUNIOR, 2004). Posteriormente, no estudo de Milani e Loureiro (2009) observou-se que crianças que sofriam violência doméstica apresentavam mais dificuldades na escrita, configurando condições de vulnerabilidade, já que estava sofrendo interferência em uma das áreas de proteção do indivíduo, ou seja, maneiras de se pedir ajuda. Para outros autores são desordens neurológicas que causam dificuldades na aquisição e uso da audição, fala, leitura, escrita, raciocínio, habilidades matemáticas ou habilidades sociais (CORREIA; MARTINS, 2005; ALMEIDA; ALVES, 2002; FONSECA, 1995; GARCÍA, 1998). Porém, Moyses e Collares (1992), não acreditam que a dificuldade de aprendizagem seja apenas uma característica pessoal do aluno e sim um conjunto de condições desfavoráveis e influências ambientais, tanto dentro da escola, com estruturas de aulas que não entende o aluno como sujeito singular com facilidades diferentes de absorver conhecimento, quanto no ambiente familiar, em que os responsáveis pelos alunos apenas os classificam como hiperativos, ao invés, de entendê-lo (DEGENSZAJN, ROZ, KOTSUBO, 2001). Lembrando que a literatura indica que a família é uma instituição social com potencial influenciador muito relevante no desenvolvimento subjetivo das crianças (ELIAS; ASSUMPCÃO, 2006).

A combinação desses dois fatores, violência e dificuldades de aprendizagem, pode ser determinante, negativa ou positivamente, em como esse indivíduo vai se impor na sociedade, já que a família junto com a escola é responsável pelo processo de integração social e socialização dos indivíduos. Acredita-se que crianças mais velhas conseguem caracterizar melhor seu contexto familiar, sofrendo muito mais quando esse ambiente possui pouca demonstração de afeto, comportamentos de incentivo

e métodos disciplinares agressivos, pois transformam-se em indivíduos inseguros e com baixa satisfação na vida diária (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2010).

É importante termos ciência que comumente indisciplina e violência vem sendo confundidas entre si, apesar de representarem fenômenos diferentes, sendo que o primeiro está relacionado com comportamentos incorretos e o seguinte com atos de agressão física e verbal (SEBASTIÃO; ALVES; CAMPOS, 2003), algo que pode estar relacionado a essa confusão de termos é o fato de que existem poucos estudos para se entender melhor sobre o assunto e quando ele é tratado pela sociedade e a mídia, são abordados de forma bem sensacionalista (ALVES, 2016).

De acordo com Morais e Cabral (1999), a falta de preparo dos professores que não conseguem lidar com esses comportamentos incorretos potencializados pela falta de estrutura das escolas, ou por uma gestão autoritária ou pelo comportamento compensatório dos pares dos alunos a essas situações (ALVES, 2016) e acaba que o próprio professor começa reproduzir a violência, principalmente na forma de simbólica e moral, contribuindo para uma espiral cumulativa (CUSHMAN, 2003; CUSHMAN; ROGERS, 2008). Importante ressaltar que quando pensamos na situação dos professores não podemos culpá-los totalmente, já que não sabemos como que essa espiral se iniciou, se foi a partir da violência aluno-professor ou pela violência professor-aluno (GHEDIN; ALMEIDA; LEITE, 2008), ou como a violência não ocorre de maneira isolada e que outros fatores também afetam o desenvolvimento da criança (GRAHAM-BERMANN, 1998; JOURILES; COLS, 2001; WOLAK; FINKELHOR, 1998; WOLFE; COLS, 2003), como fatores inerentes ao próprio aluno como o meio socioeconômico, familiares e trabalhos pedagógicos que são elementos cruciais para evitar tais situações problemáticas (ALVES, 2016). Zinetti, Pansini e Souza (2012) complementam também dizendo que equívocos na compreensão das necessidades de aprendizagem das crianças têm contribuído para que o fracasso no processo de alfabetização se mantenha na maior parte das escolas. Entendendo a importância da família e da escola no processo de aprendizagem estudamos o quanto a violência escolar pode influenciar nas dificuldades de aprendizagem, abandono escolar e no comportamento por parte dos alunos, que são temáticas que causam uma preocupação muito grande para a sociedade (ALVES, 2016).

2.OBJETIVO

Percebemos que diferentes autores, em suas pesquisas (BAZON, 2013; PATTO, 2007; ZALUAR, 2011 *et al*), ressaltam a influência do ambiente escolar e da família no processo de socialização do indivíduo, sendo assim, cada sujeito vai levar para a sociedade aquilo que ele vivenciou na escola e em casa. Neste contexto, esta pesquisa procurou investigar as dificuldades de aprendizagem e sua interface com situações de violência na percepção dos docentes.

Objetivo Geral: investigar se na visão dos professores existe uma relação entre as dificuldades de aprendizagem do aluno com as diferentes formas de violência sofrida por ele dentro do ambiente escolar.

Objetivos específicos: investigar se, na visão dos professores, existe alguma relação entre situações de violências e baixo rendimento escolar nas turmas que esses profissionais lecionam.

3.METODOLOGIA

Para alcançarmos nosso objetivo optamos por uma pesquisa qualitativa, ou seja, obter dados através de um questionário aplicado a todos os professores na escola escolhida, para entender se na visão deles existe essa relação entre os alunos que estão em situação de vulnerabilidade e/ou violência, com uma possível dificuldade de aprendizagem. Nessa primeira etapa do processo houve uma certa dificuldade de localizar alguma escola interessada que preenchesse os requisitos citados acima, até a unidade escolar participante aceitar.

Como estamos trabalhando com um grupo diverso, inicialmente com o questionário procuramos entender o perfil do participante, pois isso pode influenciar nas respostas que iremos obter, outro fator que pode influenciar nas respostas é a disposição do indivíduo de responder às questões estruturadas.

Após o aceite da Escola Estadual do município de Rio Claro - SP de participar da pesquisa, os professores foram convidados a participar e, aqueles que aceitaram, assinaram o TCLE, e em seguida responderam ao questionário. A pesquisa foi aprovada pelo CEP, conforme anexo 1, com o número do parecer 3.386.217 (anexo 1)

O público alvo escolhido para essa pesquisa foram professores do ensino público de Rio Claro, entendendo que os mesmos são os principais observadores, para identificar possíveis casos de violência que poderiam resultar em um fracasso escolar e, conseqüentemente no abandono dos estudos. Já a escola pública escolhida corresponde a uma instituição que tem nos seus alunos uma representatividade de pessoas em situação de vulnerabilidade, por ser uma escola localizada em um bairro mais distante da região central da cidade e que atende um público do próprio bairro, de classe média baixa, tanto que a APM (Associação de Pais e Mestres) fica responsável por ajudar na compra do uniforme no caso do aluno não ter condições de comprá-lo, ela se encontra próxima a pontos de venda de entorpecentes e tem um histórico de pouca participação familiar, principalmente dos alunos do noturno (ensino médio) algo que pode auxiliar o alcance do objetivo do trabalho. A escola conta com o número de 1000 alunos divididos entre o sexto ano do fundamental II e o Ensino Médio, por ser uma escola que funciona nos três períodos atendendo alunos com perfis diversificados. Essa instituição foi avaliada com quatro pontos no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 2017, esse índice pode variar de 0 a 10 e tem como objetivo avaliar a qualidade do aprendizado nacional através do censo escolar e das médias do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa em Ensino), que é a fonte primária de documentação e investigação (LOURENÇO FILHO, 1964). A escola apesar de se encontrar em evolução quando levamos em consideração a proficiência dos alunos, ou seja, o domínio dos alunos sobre os conhecimentos abordados em sala de aula, não podemos negligenciar que o número de abandonos no segundo ano do ensino médio é de quase 24,5% fora as reprovações que são de 26,4% (IBGE, 2017), outros dados que podem ser

relevantes para o nosso estudo é a distorção idade-série que na escola escolhida, no ensino médio é de 25%, ou seja, essa porcentagem de alunos do ensino médio que se encontram atrasados em relação ao padrão comum de idade, podendo afetar na autoestima dos mesmos e na taxa de abandono escolar, já que a instituição só conta com ensino regular, podendo não conseguir atender os alunos atrasados. De acordo com a literatura, a baixa autoestima nesse momento de socialização pode influenciar a existência e a relação do sujeito com os seus pares, podendo resultar em alta taxa de evasão escolar.

Em conversa com a direção e a coordenação elas explicaram que os principais casos de violência observados na escola são de violência verbal e as medidas tomadas são de conversar com os envolvidos, com a família, além de anotar a ocorrência, em casos mais graves ou quando existe o acúmulo de três ocorrências, os alunos recebem uma suspensão. Existe também casos relatados de alunos praticando violência contra si próprio, nesses casos, o professor mediador, que tem como função fazer essa ponte entre família e escola, conversa com os responsáveis e em caso de abandono familiar, ou seja, a família não comparecer nem nesses momentos o Conselho Tutelar é acionado. Atualmente a escola não possui mais esse recurso de professor mediador.

O Conselho Tutelar é um órgão que tem como função fiscalizar e garantir que os direitos das crianças e dos adolescentes estejam sendo cumpridos e sejam prioridades pelo órgãos responsáveis por disponibilizar uma educação emancipatória a todos, de forma que reduza as desigualdades sociais que prejudica parcela mais excluída da sociedade, assegurando que o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1990) seja cumprido.

Quando falamos sobre o fracasso escolar, o Conselho Tutelar possui um papel fundamental, de fazer valer o ECA, mas que ainda não é explorado em sua totalidade, sendo um resultado da falta de políticas públicas de acesso e permanência, conscientização da sociedade e melhor preparo continuado do próprio conselho (DE SOUZA et al, 2003), a falta de articulação e investimento pode tornar esses instrumentos ineficientes.

Com a aplicação do questionário procuramos obter resultados mais qualitativos e concretos possíveis, e assim entender se há relação entre as dificuldades de aprendizagem e violência, na visão dos professores, por isso foram elaboradas questões abertas para compor o documento, caracterizadas pela liberdade de resposta, mas também uma dependência da proatividade do participante em elaborar sua resposta. O questionário foi aplicado em um HTPC (horário de trabalho pedagógico coletivo) com os professores presentes no dia, onde foi explicado o objetivo do trabalho, e após a assinatura do TCLE, foram coletadas as respostas. Alguns professores que não estavam presentes nesse momento foram convidados a participar posteriormente, por isso foi deixado uma cópia do TCLE e do questionário, essa mudança de situação pode influenciar nas respostas obtidas (CHAGAS, 2000). No total foram quatorze participantes que estavam aptos a participar do projeto,

sendo que doze ainda lecionam na escola e os outros dois participantes estão presentes no cotidiano e na solução das situações de crise com os alunos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa, seguindo a perspectiva de Análise de Conteúdo conforme Bardin (1977), que consiste em analisar os dados coletados em três etapas principais. A primeira etapa é a organização das ideias e dos materiais para o direcionamento do seu estudo e dos seus objetivos, após essa etapa entramos na fase de exploração do material, onde o material coletado foi dividido em unidades de registro para ser encaminhado para terceira e última fase, que é quando esse material foi analisado comparativamente e interpretado através de critérios já pré-estabelecidos na pesquisa.

Os questionários foram numerados de um ao catorze e os nomes dos participantes foram alterados para nomes fictícios, para maior segurança e garantia de anonimato dos participantes. Para facilitar a análise foram feitos gráficos de alguns dados/questões do questionário. Foram analisadas perguntas que acreditamos contribuir para alcance do nosso objetivo. Os gráficos a seguir foram organizados no programa Excel em uma escala no eixo y de zero a catorze, pois esse era o número total de participantes aptos que foi utilizado para a discussão.

FIGURA 1: Gráfico sobre os tipos de aula que os professores utilizam para ministrar sua matéria.

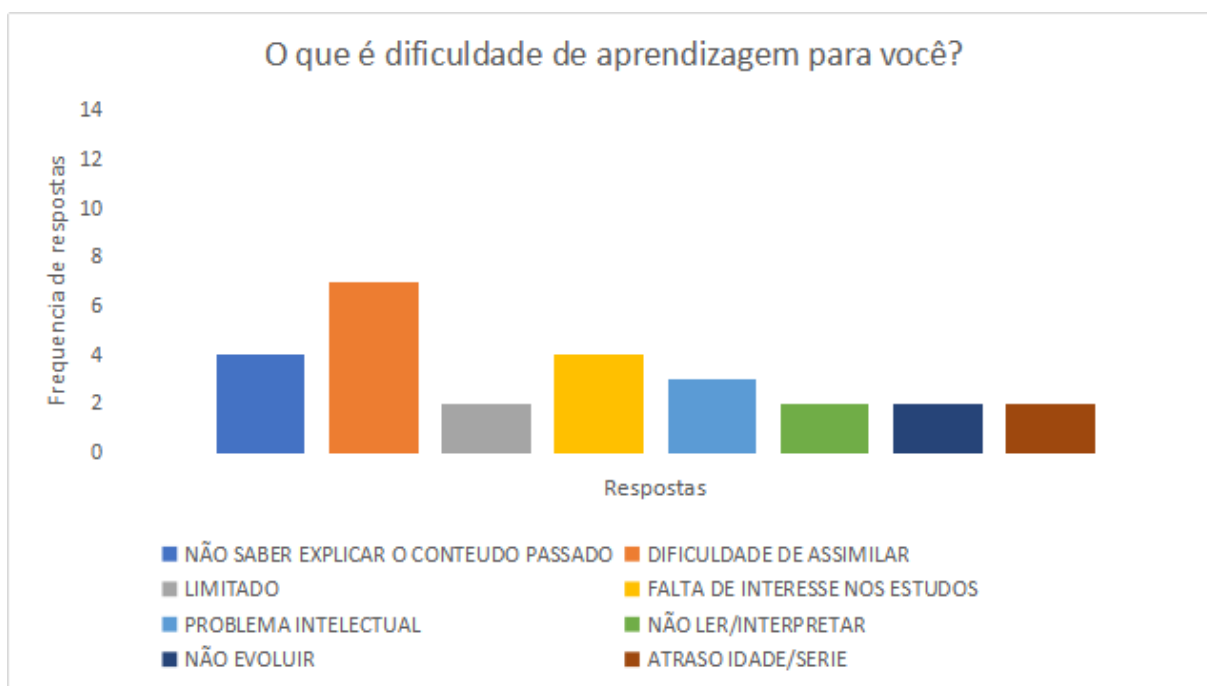


Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos ver, a maioria dos professores utilizam um modelo de aula expositiva dialogada, que apesar de teórica é um modelo em que o aluno se torna um sujeito mais participativo, porém se ele tem uma certa dificuldade no assunto isso pode fazer com que a aula renda menos, pois o aluno com dificuldade ficaria no ócio durante as discussões, representando um dos fatores que os professores

relacionam a comportamento de violência e/ou indisciplina (vide figura 7). Em segundo lugar com seis respostas, se encontra a aula prática e a aula exclusivamente expositiva, o que podemos observar é que nas outras perguntas do questionário as opções de respostas apresentadas pelos professores eram muito maiores que as apresentada neste gráfico, mostrando a dificuldade em sair do padrão que a educação vem seguindo, exatamente como Moyses e Collares (1992) disseram sobre essa falta de entendimento do aluno como sujeito singular . Nesse momento acho interessante pontuarmos que os professores não se sentem totalmente satisfeito com suas carreiras, apesar de afirmarem a paixão que sentem pela profissão, eles ressaltam as dificuldades, fator que também pode influenciar diretamente no desempenho do mesmo no preparo das aulas e no cotidiano em sala de aula, pois a falta de estrutura escolar acaba condicionando o professor a reproduzir a violência (CUSHMAN, 2003; CUSHMAN; ROGERS, 2008), que nosso trabalho foi definido quando o outro for desconsiderado como sujeito (PORTO, 2006). Inclusive uma das professoras participantes, o questionário de número 12, disse que “... recebemos pouco, mas somos cobrados a ser multiprofissionais professor, psicólogo, pai, carcereiro.”

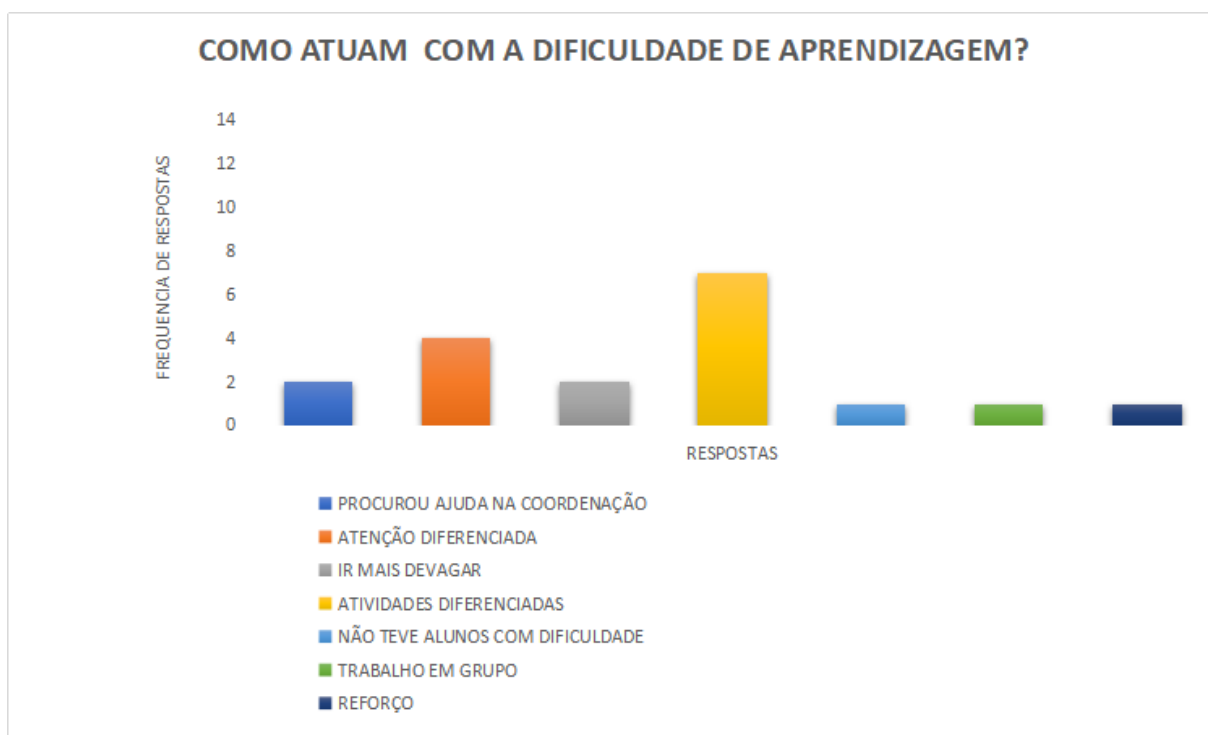
FIGURA 2: gráfico representativo da pergunta 7 do questionário (apêndice a) aplicado aos professores, onde eles respondem sobre o que eles acham que é dificuldade de aprendizagem.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com o gráfico acima podemos observar o que os professores entendem como dificuldade de aprendizagem, algo que vai nos ajudar a contextualizar a situação da unidade escolar. De acordo com dados, os professores entendem que o aluno com problemas acadêmicos são aqueles que possuem alguma dificuldade de assimilar o conteúdo, ainda incorporam a falta de interesse nos estudos e de habilidade em explicar o que lhe foi passado em sala de aula, chegando até a realizar o diagnóstico clínico de problemas intelectuais, exemplificando o que comentamos no início da parte teórica, esse desejo moderno ocidental de sempre querer medicalizar nossas crianças e adolescentes e classificá-los como doentes (MOYSES; COLLARES, 1992), ao invés de procurar entender todo o contexto, e muito vezes se questionar e questionar o próprio modelo de aula, ou questionar o contexto social e político entre outros vários fatores que podem influenciar nessa dificuldade (MOYSES; COLLARES, 1992), que no final é caracterizada pelo reducionismo biológico (COLLARES; MOYSÉS, 1994).

FIGURA 3: Gráfico representativo das formas como os professores atuam quando se deparam com um aluno com dificuldade de aprendizagem.



Fonte: Elaborado pela autora.

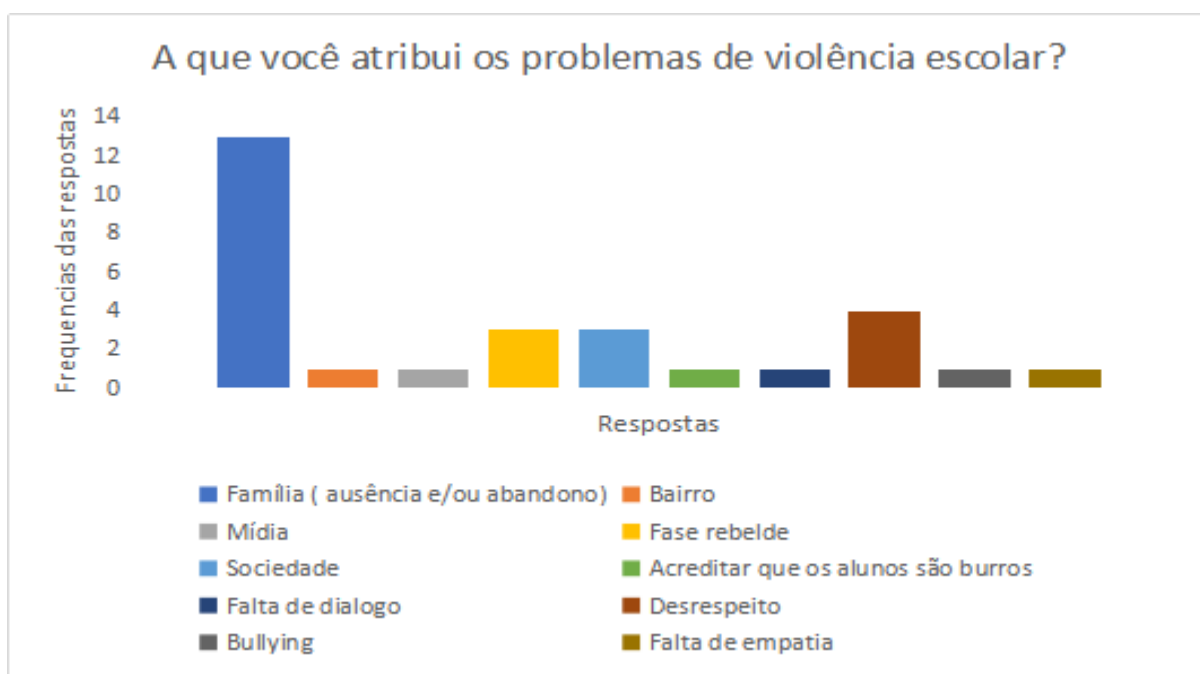
Observamos no gráfico como os professores atuam em relação aos alunos que possuem algum tipo de dificuldade em sua respectiva matéria. Podemos perceber que sete professores aplicam atividades

diferenciadas para que o aluno não fique tão defasado em relação a turma, posteriormente a opção mais citada foi a de dar uma atenção diferenciada, quatro professores citaram essa opção em sua resposta dois professores falaram sobre ir mais devagar e de procurar ajuda na direção.

Nessa questão é interessante abordarmos a importância da formação continuada dos professores, justamente para que na intenção de ajudar não prejudique ainda mais o aluno, não possibilitando o desenvolvimento para além de sua habilidade. Consideramos relevante pontuar este aspecto, pois a unidade escolar possui uma taxa de atraso idade-série alta o que pode fazer com que o desenvolvimento da sala, no geral, seja mais lento, facilitando para alguns alunos, mas retardando o resto da turma, um acompanhamento mais de perto desses alunos foi apontado por alguns professores, mas os mesmos dizem que em uma sala cheia fica difícil fazer isso sempre e a superlotação é algo que atrapalha muito, quando pensamos em uma organização da aula de maneira diferenciada. Essa informação é representativa também de um contexto maior que essa unidade escolar, pois a escolha de mandar os alunos com dificuldade para o reforço vem aumentando (OSTI, BRENELLI, 2013).

Alguns autores apontam que o inverso se faz mais eficaz, estimular os alunos tidos como atrasados a desenvolver habilidades em contato direto com alunos com mais facilidade como forma de motivação (FONSECA, 1984), e trabalho em grupos pode ser importante para isso e ajudar, porém, apenas um professor citou essa possibilidade.

FIGURA 4: Gráfico representativo a que os professores atribuem às questões de violência escolar.

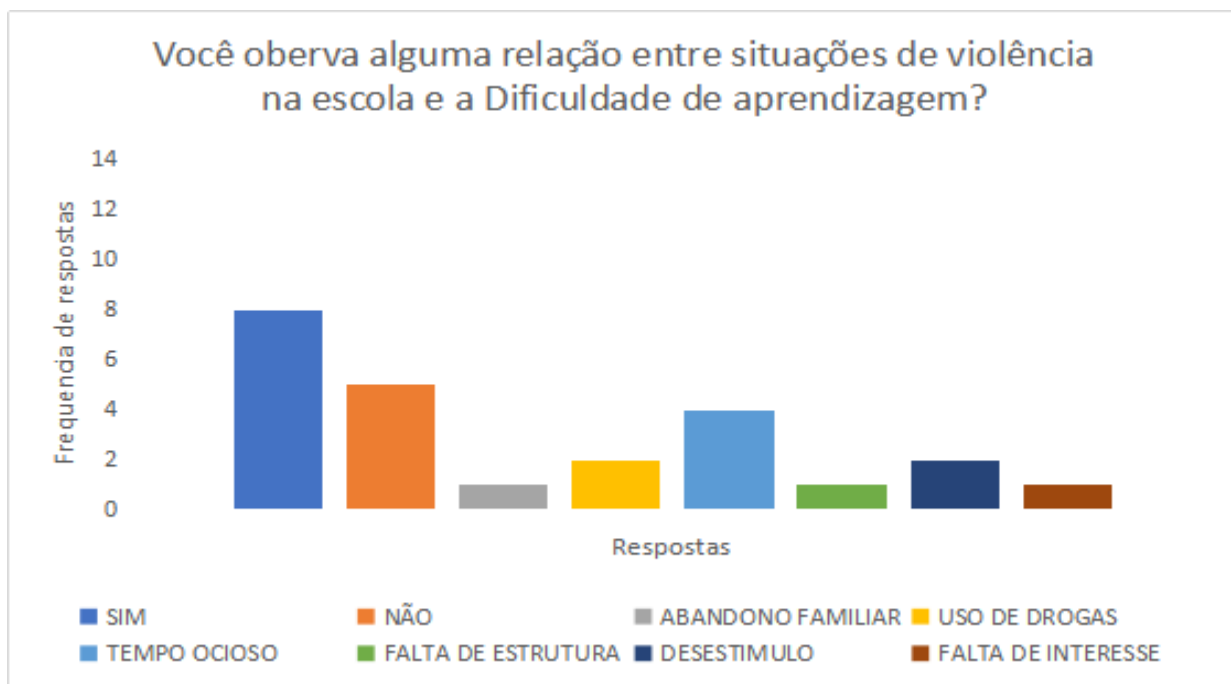


Fonte: Elaborado pela autora.

Quando começamos a analisar a que os professores associam os problemas de violência escolar podemos observar novamente essa terceirização da culpa, pois o principal fator que eles atribuíram esse fenômeno é a família. A culpabilização da família se destacou, como podemos observar, treze professores pontuaram que a mesma quando se encontra desestruturada, dá mal exemplo ou, quando deixam em situação de abandono o adolescente, confirmando o potencial influenciador muito relevante no desenvolvimento do aluno (ELIAS; ASSUMPÇÃO, 2006), incentivam mesmo que de forma indireta esse comportamento agressivo, pois transformam-se em indivíduos inseguros e com baixa satisfação na vida diária (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2010). Logo em seguida, outros fatores influenciadores foram apontados por eles, tal como a falta de respeito do aluno com o ambiente escolar, podendo ser uma consequência do não pertencimento àquele espaço ou a não compreensão das consequências de seus atos. A sociedade e a fase da adolescência também foram pontuadas, levando em consideração que a escola está inserida em um contexto e os alunos possuem uma tendência a não lidarem bem com a hierarquia escolar, devido a adolescência, que na visão de três professores, é uma fase caracterizada pela rebeldia, porém Sawaia (2009) aponta que outros fatores além de onde o sujeito reside pode influenciar para um mau desempenho escolar. De acordo com a literatura a adolescência é o momento quando o indivíduo possui muitos exemplos para seguir tanto colocado pela mídia quanto adquirido no seu hábito social com seus pares, portanto é momento que consideram como de organização subjetiva para a sua formação, porém é importante salientar que qualquer pessoa com o seu individualismo aflorado, ou seja, um sujeito autônomo que cria as suas próprias regras ao mesmo tempo que escolhe quais regras irá seguir pode ter esse tipo de comportamento considerado rebelde, não caracterizando uma fase do desenvolvimento humano, mas sim uma subjetividade do sujeito (BERTOL; DE SOUZA, 2010).

Interessante focarmos que nenhum dos professores pontuaram o sistema de ensino ou o cotidiano da escola, ou ainda a forma como os alunos são considerados na organização escolar e levar em consideração os diversos fatores que se conectam a esse fenômeno social se faz necessário para entendê-lo melhor (SILVA; SALLES, 2010). Entendemos que a família tem uma interferência em como o aluno se porta, mas não é somente isso que o afeta. O professor ter ações que diminuam a figura do aluno, pode afetar de maneira negativa. Na pesquisa, a participante Ana Paula (questionário 12) chegou a questionar, ao responder à pergunta 10, em sua resposta “como você (alunos) consegue aprender desse jeito onde são considerados burros.”

FIGURA 5: Gráfico representativo da questão em abordamos se eles conseguem observar uma relação entre situações de violência e a dificuldade de aprendizagem.

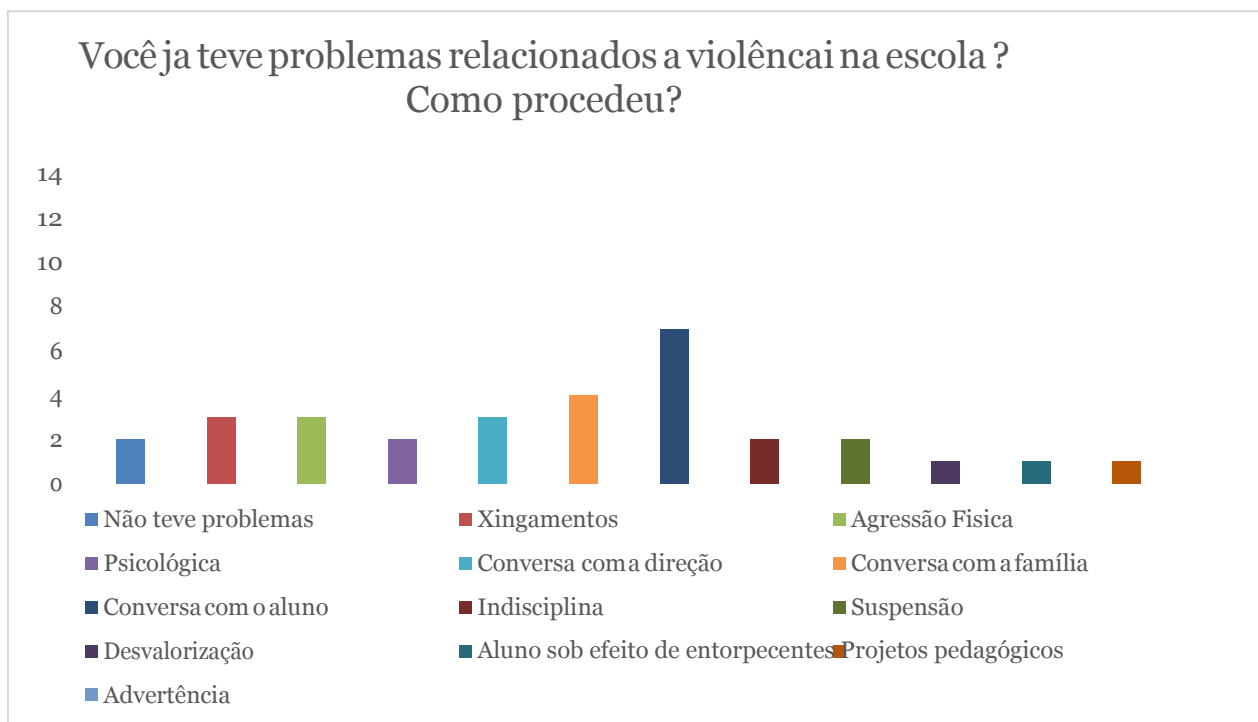


Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse gráfico procuramos apreender se na visão dos docentes, eles observam alguma relação de alunos que possuem um comportamento tido como indisciplinado e posteriormente começarem a ter um baixo rendimento escolar, caracterizando uma possível Dificuldade de Aprendizagem. Das catorze respostas obtidas, oito confirmaram que acreditam nessa relação, e ainda elencam alguns pontos que podem servir como catalisador, sendo o principal deles o tempo ocioso, que já foi caracterizado por Petterson (2002) pelo aumento da conduta conflituosa, depois o uso de drogas pela mãe durante a gravidez ou do próprio aluno atualmente, como é uma população carente que está presente no corpo discente da escola às vezes só o senso comum já os identifica como principal foco do tráfico de drogas e difusoras da violência (RIBEIRO; DIAS; CARVALHO, 2008), junto com o desestímulo do aluno de estar presente no ambiente escolar.

O primeiro motivo dado pelos professores foi mencionado quatro vezes (tempo ocioso), enquanto que os outros dois foram apenas duas vezes. Com isso observamos o que evidenciamos no gráfico sobre o tipo de aula, justamente o fator mais citado pode fazer com que o tipo de aula não renda em sua totalidade, desestimulando o aluno a participar e a querer estar nesse local, inclusive este último foi citado duas vezes nas respostas dos professores junto com o uso de drogas.

FIGURA 6: Gráfico representativo da questão onde abordamos se os professores já haviam passado por situações de violência e como ele procedeu caso a resposta tenha sido positiva.



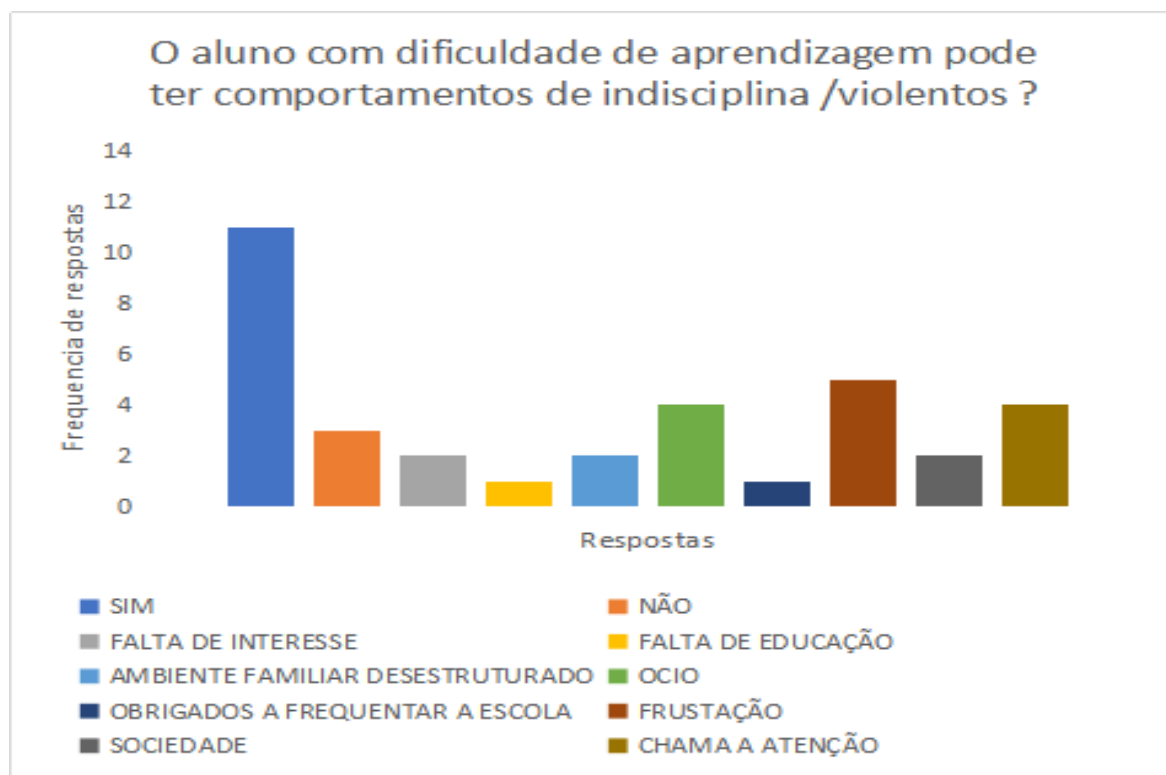
Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados sobre as situações de violência vivenciadas dentro do ambiente escolar, apenas dois professores pontuaram que nunca tiveram problemas com indisciplina e/ou violência, corroborando Zaluar e Leal (2011) quando as mesmas dizem que a violência tem estado cada vez mais presente no espaço escolar. Os outros doze professores responderam positivamente e elencaram quais foram os tipos e como lidaram com essa situação. A principal forma citada para resolução ou como forma de trabalhar o assunto foi a conversa com os próprios alunos e a família, o que mostra que teoricamente sete professores procuraram resolver de forma dialogada e não punitiva, três professores procuraram auxílio com a direção para trabalhar de forma mais efetiva sobre casos de xingamentos e agressões físicas..

Novamente podemos observar a importância da formação continuada dos professores, para justamente conseguir trabalhar essa questão de comportamentos indisciplinados ou violentos da melhor forma possível, procurando trabalhar questões inerentes ao próprio aluno como o meio socioeconômico, familiares e trabalhos pedagógicos que são elementos cruciais para evitar tais situações problemáticas (ALVES, 2016). Nesta unidade escolar especificamente, a maioria dos docentes lecionam apenas nela, com esse tempo exclusivo trabalhando na escola pode facilitar a

construção comportamental com os alunos desde o início da vida escolar, já que na mesma existe o fornecimento de fundamental II, e simultaneamente pode-se trabalhar também o pertencimento e a redução do abandono e dificuldade de aprendizagem, desde que seja da vontade do professor procurar uma formação contínua que o prepare para lidar com isso.

FIGURA 7: Gráfico representativo da pergunta principal foco da pesquisa, onde perguntamos se existe uma relação entre dificuldade de aprendizagem e situações de violência escolar.



Fonte: Elaborado pela autora.

Esse é o gráfico representativo da questão que responde à pergunta inicial e principal do nosso trabalho, com ela fica mais evidente a resposta ao objetivo proposto. Onze professores apontaram que observam uma relação positiva entre a dificuldade de aprendizagem e comportamentos considerados inapropriados tanto na escola quanto na sociedade e três professores apontaram que outros fatores se relacionam mais com comportamentos violentos e/ou indisciplinados do que a dificuldade de aprendizagem, como por exemplo a falta de educação adquirida no ambiente familiar, o fato dos alunos serem obrigados a frequentar a escola e não conseguirem observar as consequências de seus atos no futuro e a sociedade como um todo, isso representa o quanto o sujeito pode ser influenciado por diversos fatores na sua formação. Os professores que se posicionaram a favor, também relacionaram outros fatores junto com a dificuldade de aprendizagem, como o ócio

vivido por alunos com dificuldade na sala de aula que procuram outras atividades e que atrapalham o andamento da aula, a frustração por tentar e não conseguir, a falta de interesse e o uso desses comportamentos para chamar a atenção, algo que a literatura mostra que o insucesso escolar pode ser sinónimo de insucesso social, uma vez que problemas nas aquisições escolares podem acarretar complicações na participação na sociedade (FONSECA, 1984).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiro ponto que devemos ressaltar é que cada aluno é um sujeito singular, sendo construído e influenciado por diversos fatores, o que dificulta na chegada de uma verdade absoluta sobre o assunto, mas diante dos resultados obtidos nessa unidade escolar iremos expor nossas considerações finais.

Nosso projeto obteve como resultado que na visão dos professores dessa unidade escolar, existe uma relação positiva entre a dificuldade de aprendizagem e situações de violência, o contrário também se faz verdade, mostrando essa conexão entre os tópicos, exatamente como Milani e Loureiro (2009) observaram na questão de crianças que sofriam violência doméstica e apresentavam mais dificuldades na escrita. Outros trabalhos também associaram que jovens com comportamento violento possuem menores chances de concluir o ensino médio, ingressar no ensino superior e a ter um desempenho bom escolar e no mercado de trabalho (CARMICHAEL; WARD, 2001; GROGGER, 2007; KARAKUS *et al.*, 2010). Também foi possível entender como esses professores trabalham as situações de violência e de dificuldade de aprendizagem, e que para eles o principal fator que influencia os alunos na sua vivência escolar é a estrutura familiar, o que entendemos como um pouco problemático já que em nenhum momento eles também relacionam esse tipo de comportamento a estrutura escolar, sendo representada pelo corpo docente, gestão e, conseqüentemente, a sociedade e as políticas públicas. Não queremos culpabilizar totalmente professores, já que não sabemos como que essa espiral se iniciou, se foi a partir da violência aluno-professor ou pela violência professor-aluno (GHEDIN; ALMEIDA; LEITE, 2008).

Zinetti, Pansini e Souza (2012) complementam também dizendo que equívocos na compreensão das necessidades de aprendizagem das crianças têm contribuído para que o fracasso no processo de alfabetização se mantenha na maior parte das escolas, então acreditamos que a solução para essa realidade seriam gestões escolares participativas e afetivas, junto com a participação da família nas atividades, infraestrutura escolar podem influenciar positivamente na qualidade deste ambiente, gerando um sentimento de pertencimento do aluno à escola, local onde ele acaba passando maior parte do seu dia.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. H. M. **Vivendo no fogo cruzado: moradores de favela, traficantes de droga e violência policial no Rio de Janeiro**. São Paulo: Unesp, 2012.

ALVES, M. G. Viver na escola: indisciplina, violência e bullying como desafio educacional. **Cadernos de Pesquisa**, Campinas, v.46, n.161, p. 594-613, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000300594&lang=pt. Acesso em: 06 out. 2018.

BERTOL, C. E.; SOUZA, M.. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia: ciência e profissão**, [s.l.], v. 30, n. 4, p. 824-839, 2010.

BOURDIEU, P.. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. Tradução Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1999

BRANCALHONE, P. G.; FOGO, J. C.; WILLIAMS, L .C. A. Crianças expostas à violência conjugal: avaliação do desempenho acadêmico. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 113-117, 2004.

BRASIL. Ministério Da Educação E Cultura. **Relatório Educação Para Todos No Brasil 2000-2015**. 2014. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/junho-2014-pdf/15774-ept-relatorio-06062014/file>. Acesso em: 06 maio 2017.

CANDAU, V. M. (org.). **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHAGAS, A. T. R.. O questionário na pesquisa científica. **Administração on line**, v. 1, n. 1, 2000.

CHAPMAN, J.W. . Aprendendo os auto-conceitos das crianças com deficiência. **Pesquisa de Revisão de Educational**, [s.l.], v. 58, p. 347-371, 1988

CHARLOT, B. et al. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, v. 4, n. 8, p. 432-443, 2002.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.. A transformação do espaço pedagógico em espaço clínico: a patologização da educação. **Série ideias**, v. 23, p. 25-31, 1994.

CUSHMAN, K.; ROGERS, L.. Os alunos do ensino médio falam sobre forças sociais na sala de aula. **Jornal do Ensino Médio** , v. 39, n. 3, p. 14-24, 2008.

D'AUREA- TARDELLI, D.; PAULA, F.V. . Produção Científica da Área Escolar. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, p. 343-346, 2009.

DE ALMEIDA, S. F. C. *et al.* Concepções e Práticas de Psicólogos Escolares acerca das Dificuldades de Aprendizagem. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** , Brasília, v. 11, n. 2, p. 117-134, ago. 1995. Disponível em: <https://revistaptp.unb.br/index.php/ptp/article/view/1577/524>. Acesso em: 06 maio 2017.

DEGENSZAJN, R. D.; ROZ, D. P.; KOTSUBO, L.. Fracasso escolar: uma patologia dos nossos tempos?. **Serviço de Psiquiatria e Psicologia do Instituto da Criança da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo**, São Paulo, p. 106-113, 2001.

DE SOUZA, M. P. R.; DA SILVA T., D. C.; DA SILVA, M. C. Y. G.. Conselho Tutelar: um novo instrumento social contra o fracasso escolar? **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 71-82, 2003.

ELIAS M.A., Navarro V.L.. A relação entre o trabalho, a saúde e as condições de vida: negatividade e positividade no trabalho das profissionais de enfermagem de um hospital escola. **Revisão Latino-americano de Enfermagem**; v. 14, n. 4, p. 517-25, 2006

FANTE, C. **Fenômeno bullying**: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz, Verus Editora. Campinas, 2005.

FONSECA, V. (1984). **Uma Introdução às Dificuldades de Aprendizagem**. Lisboa: Editorial Notícias.

GHEDIN, E., ALMEIDA, M. I.; LEITE, Y. U. F., **Formação de professores**: caminhos e descaminhos da prática. [s.l.][s.n.], 2008.

GRAHAM-BERMANN, S. A .; LEVENDOSKY, A. A. Sintomas traumáticos de estresse em filhos de mulheres agredidas. **Revista de violência interpessoal** , v. 13, n. 1, p. 111-128, 1998.

JACOB, A. V., & Loureiro, S. R. Desenvolvimento Afetivo: o processo de aprendizagem e o atraso escolar. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, v.10. n. 11, p 149-160 , 1996

KOHATSU, L. N.; DIAS, M. A. L. Sociedade e escola: produção e resistência à violência. *In*: DE PAULA, F. V.; D'AUREATARDELI, D. (org.). **Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à psicologia da educação**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, p. 25-36, 2009.

LIRA, A.; GOMES, C. A.. **Violências escolares: que aprendemos para a formação de professores?**. 100. 2017. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010440362018000300759&lang=pt. Acesso em: 22 set. 2018.

LOPES, N. . **Como combater o abandono e a evasão escolar**. Disponível em:<http://gestaoescolar.org.br/aprendizagem/como-combater-abandono-evasao-escolar-falta-alunos-abandono-acompanhamento-frequencia-551821.shtml?page=0>. Acesso em: 06 dez. 2016.

LOURENÇO FILHO, M. B. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v .95, [s.n], [s.l.] jul./set.1964

MAZER, S. M.; BELLO, A. C. D. e BAZON, M. R.. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. **Psicol. educ.**[online]. 2009, n.28, p. 7-21. ISSN 1414-6975. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100002. Acesso em: 06/12/2016

MILANI, R. G.; LOUREIRO, S. R.. **Crianças em risco psicossocial associado à violência doméstica: o desempenho escolar e o autoconceito como condições de proteção**. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2009000300002&lang=pt. Acesso em: 02 out. 2018.

SERPA, M., F. MORAIS; C. CABRAL. Contributos da prática pedagógica na formação inicial de professores. **Revista Arquipélago** v. 2, [s.n.] , p. 27-70, 1999.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L.. A História não contada dos distúrbios de aprendizagem. **Caderno CEDES**, Campinas, n. 28, p. 31-47, jan. 1992. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/312778610/A-Historia-Nao-Contada-Dos-Disturbios-de-Aprendizagem>. Acesso em: 30 maio 2017.

NEGRÃO, A. V. G., GUIMARÃES, J. L. (2006). A indisciplina e a violência escolar. **Núcleos de Ensino/Prograd. Ed. da UNESP**. Disponível em: <http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2004/artigos/eixo7/aindisciplina.pdf>. Acessado: 03 setembro 2019

NEVES, J. L.. Pesquisa Qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas Em Administração**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 1 - 5 1996. . Disponível em: <http://www.regeusp.com.br/arquivos/C03-art06.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2016.

OSTI, A.; BRENELLI, R. P.. Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem. **SciELO**, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712013000300008&lang=pt. Acesso em: 03 out. 2018.

PATTO, M. H. S.. Escola cheias, cadeias vazias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, p.243-266, maio 2007.

PORTO, M. S. G.. Crenças, valores e representações sociais da violência. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 16, p.368-375, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a10n16>. Acesso em: 15 set. 16

RATTO, A. L. . Disciplina, Infantilização e Resistência Dos Pais: A Lógica Disciplinar Dos Livros De Ocorrência. **ed. Local: [s.n.]**, v. 27 p. 1259-1281, 2006. . Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/%0D/es/v27n97/a09v2797.pdf>. Acesso em: 02 maio 2017.

REZENDE, B. A.; LEMOS, S. M. A.; MEDEIROS, A. M.. **Qualidade De Vida E Autopercepção De Saúde De Crianças Com Mau Desempenho Escolar**. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010305822017000400415&lang=pt. Acesso em: 28 out. 2018.

RIBEIRO, C.; DIAS, R. *et al.* Discursos e práticas na construção de uma política de segurança: o caso do governo Sérgio Cabral Filho (2007-2008). In: GLOBAL, J. (Ed.). **Segurança, tráfico e milícia no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2008.

SANTOS, A. C., **Violência No Contexto Escolar: Breve Análise Do Enfrentamento Da Violência Na Escola Municipal Prof.ª Eufrosina Miranda**. Trabalho de conclusão de curso (Pedagogia)- Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011. Disponível em: <http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/MONOGRAFIA-FINAL-ENCADERNAR.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2016.

SAWAIA, B. B., Psicologia e Desigualdade social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 21, p.364-372, maio 2009.

SEBASTIÃO, J., ALVES, M. CAMPOS, J. (2003). Violência na escola: das políticas aos cotidianos. **Sociologia, Problemas e Práticas**, 41, 37-62.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. (Ed.). Análise De Conteúdo: Exemplo De Aplicação Da Técnica Para Análise De Dados Qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 17, n. 1, p.1-14, set. 2015. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113>. Acesso em: 25 set. 2017.

SILVA, J. M. A. P. ; SALLES, L. M. F., **A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de prevenção**. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000500013&lang=pt. Acesso em: 02 out. 2018.

Siqueira AC, Dell'Aglio DD. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. **Psic: Teor e Pesq.** 2010; 26:407-15. Disponível em: <https://revistapt.unb.br/index.php/ptp/article/view/533>. Acesso em: 27 out.2018.

SIQUEIRA, C. M.; GURGE-GIANNETTI, J.. **Poor school performance: an updated review tradução**. 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2255482311700212>. Acesso em: 27 out. 2018.

STELKO-PEREIRA, A. C.; WILLIAMS, L. C. A.. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 1, p.45-55, abr. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v18n1/v18n1a05.pdf>. Acesso em: 14 setembro 2016.

TAVARES, P. A.; PIETROBOM, F. C.. **Fatores associados à violência escolar: evidências para o Estado de São Paulo**. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612016000200471&lang=pt. Acesso em: 27 out. 2018.

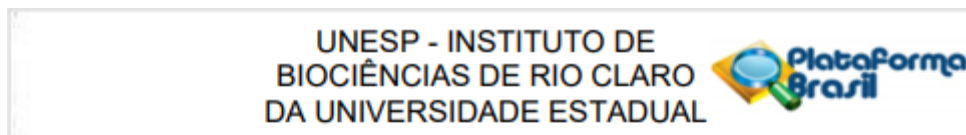
TOKARNIA, M. . **Agências Brasil: Educação**: Estudo mostra que 1,3 milhão de jovens de 15 a 17 anos abandonam . Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-02/13-milhao-de-jovens-entre-15-e-17-anos-abandonam-escola-diz-estudo>. Acesso em: 06 dez. 2016.

VELHO, G.. **O desafio da violência**. Estud. av., São Paulo, v.14, n.39, Agosto, 2000.

ZALUAR, A.; LEAL, M. C.. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, p.145-164, fev. 2011.

7. ANEXO

7.1. ANEXO 1:



Continuação do Parecer: 3.386.217

pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1355704.pdf	21/05/2019 09:34:33		Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	21/05/2019 09:33:58	Débora Cristina Fonseca	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcleprof.docx	13/05/2019 16:33:53	Débora Cristina Fonseca	Aceito
Outros	questionario.docx	13/05/2019 16:33:41	Débora Cristina Fonseca	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetotcc.docx	13/05/2019 16:33:25	Débora Cristina Fonseca	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 12 de Junho de 2019

Assinado por:
Flávio Soares Alves
(Coordenador(a))

Fonte: Copiado e modificado do documento disponível na Plataforma Brasil com o número do parecer 3.386.217

8. APÊNDICE

8.1 - APÊNDICE A - Questionário – Professor

1. Seu nome (OPCIONAL), idade e o tempo de magistério?
2. Qual a sua formação?
 - graduação _____
 - Pós-Graduação _____
 - especialização _____
3. Quais períodos e em quantas escolas trabalha?
4. Que estrutura você costuma utilizar para desenvolver sua aula? (expositiva, expositiva dialogada, prática, outras)
5. Qual é a maior dificuldade que encontra em dar aula?
6. Você tem ou teve aluno com dificuldades de aprendizagem? Como atuou??
7. O que é dificuldade de aprendizagem para você?
8. Você tem ou teve algum problema relacionado à violência na escola? Como foi? Como resolveu?
9. A que você atribui os problemas de violência na escola?
10. Você observa alguma relação entre as situações de violência na escola, com as dificuldades de aprendizagem dos alunos? Quais e por quê?
11. Está satisfeito com sua carreira? Por quê?
12. Como é a avaliação da sua matéria?
13. Você acha que quando um aluno não consegue aprender ou tem dificuldades de aprendizagem, ele pode ter por consequência, comportamentos de indisciplina ou mesmo violência?? Por quê?

8.2. APÊNDICE B - Termo De Consentimento Livre E Esclarecido (Conselho Nacional De Saúde, Resolução 466/12)

Eu, Júlia Marcelly Prates, aluna de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas (UNESP-Rio Claro), RG 42.595.140-6/SSP-SP, sob a orientação da Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, estamos convidando-o (a) a participar do estudo **“Situações de violência e a sua interface com a dificuldade de aprendizagem”**.

Essa pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC) tem como objetivo observar se situações de violência vivenciada pelos alunos, dentro ou fora do ambiente escolar, tem relação com uma possível dificuldade de aprendizado. Iremos fazer um questionário semi-estruturado escrito com professores da rede pública de Rio Claro- SP.

Os riscos em participar desta pesquisa são mínimos, podendo sentir um desconforto ou constrangimento diante de alguma pergunta. Para diminuir essa possibilidade de risco de desconforto ou constrangimento, ressaltamos que caso se sinta desconfortável você deixe de se manifestar, podendo deixar de responder ou desistir de sua participação sem qualquer prejuízo. Caso você tenha dúvidas, pode pedir esclarecimentos.

O benefício desta pesquisa consiste na possibilidade de compreender a relação de situações de violência com a dificuldade de aprendizagem dos alunos, na visão dos professores.

Lembramos que é um direito seu desistir da participação na pesquisa em qualquer momento e por qualquer razão, sem qualquer prejuízo, desta forma, seu nome não será citado em qualquer momento do trabalho, garantindo o sigilo e anonimato. Utilizaremos as respostas apenas para alcançar os objetivos da pesquisa.

Em caso de dúvida ou para entender melhor a pesquisa, você poderá entrar em contato, em qualquer momento que julgar necessário, com as pesquisadoras. Os dados para contato encontram-se no final desse documento.

Você não terá qualquer forma de despesa e não será remunerado(a) para participar da pesquisa.

Se você se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e outra com a pesquisadora.

Local/Data _____, ____/____/____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assinatura do Participante da Pesquisa e RG

Dados sobre a Pesquisa:

Título do Projeto: **“Situações de violência e a sua relação com a dificuldade de aprendizagem”**

Pesquisador Responsável:

Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 3526-4272 e-mail: deboracf@rc.unesp.br

Aluna pesquisadora

Júlia Marcelly Prates

Cargo/função: aluna de graduação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Instituição: Unesp-Rio Claro

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Dados para Contato: fone (19) 99461-9440 e-mail: juu.tjg@gmail.com

CEP-IB/UNESP-CRC

Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP

Telefone:

(19)

35269678

Dados sobre o participante da Pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

Coordenadoria Geral de BIBLIOTECAS**C@pelo - Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de
Curso (TCCs) TERMO DE AUTORIZAÇÃO**

Nome do autor: Júlia Marcelly Prates

CPF: 462.201.748-28 **Telefone:** [19] 99461-9440

E-mail do autor: juu.tjg@gmail.com

Autoriza a divulgação deste endereço eletrônico na Biblioteca Digital C@pelo? Sim Não
Título: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E SUA INTERFACE COM SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA

Palavras-chave: evasão escolar. dificuldades de aprendizagem. violência

Unidade: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

Campus: Rio Claro

Curso de Graduação: Ciências Biológicas

Orientador: Profª Drª Débora Cristina Fonseca

Co-orientador:

Banca: Profº Drº José Euzébio de O. S. Aragão; Profº Drº César Donizetti Pereira Leite; Profª Drª Joyce Mary Adam

Data da defesa: ____/____/____

AUTORIZO a Universidade Estadual Paulista (UNESP), a publicar em ambiente digital institucional, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral da obra acima citada, em formato PDF, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Assinatura do(a) autor(a)

_____/_____/_____
Data

TRAMITAÇÃO NA UNESP

DE ACORDO COM A PORTARIA UNESP Nº 03/09, O CONSELHO DE CURSO É SOBERANO PARA DECIDIR OS CRITÉRIOS DE QUALIDADE PARA ENVIAR OU NÃO OS TCCs DEFENDIDOS NO CURSO, PARA DIVULGAÇÃO NA BIBLIOTECA DIGITAL C@PELO.

Conselho de Curso de Graduação

Nome do coordenador(a)

Assinatura

Recebido em: ____/____/____

Liberado em: ____/____/____

Biblioteca da Unidade**CGB - Biblioteca Digital C@pelo**

Recebido em: ____/____/____

Recebido em: ____/____/____

Liberado em: ____/____/____

Obs: Preencher este Termo em uma via assinada e enviar à Biblioteca da Unidade, juntamente com o arquivo eletrônico em formato PDF.

O ARQUIVO PDF NÃO DEVE CONTER SENHA DE PROTEÇÃO

Prof^a Dr^a Débora Cristina Fonseca

Júlia Marcelly Prates